

DO TIRAR PELO NATURAL



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

ALVARO PENTEADO CRÓSTA



Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

CHRISTIANO LYRA FILHO – JOSÉ A. R. GONTIJO

JOSÉ ROBERTO ZAN – LUIZ MARQUES

MARCELO KNOBEL – MARCO ANTONIO ZAGO

SEDI HIRANO – SILVIA HUNOLD LARA

Comissão Editorial da coleção Palavra da Arte

JENS MICHAEL BAUMGARTEN – JOSÉ ROBERTO ZAN

LUCIANO MIGLIACCIO – LUIZ MARQUES (coord.)

MARCOS TOGNON

FRANCISCO DE HOLANDA

DO TIRAR
PELO NATURAL

ORGANIZAÇÃO, APRESENTAÇÃO E
COMENTÁRIO

RAPHAEL FONSECA

EDITORIA UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

H719d Holanda, Francisco de.

Do tirar pelo natural / Franciso de Holanda; organização, apresentação e comentário: Raphael Fonseca. — Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013

1. Retratos – Portugal. 2. Arte renascentista – Portugal.
3. Pintura portuguesa – Séc. XVI. 4. Artistas – Portugal.
I. Título.

CDD 757.09469
709.02409469
759.469
709.209469

ISBN 978-85-268-1009-9

Índices para catálogo sistemático:

1. Retratos – Portugal	757.09469
2. Arte renascentista – Portugal	709.02409469
3. Pintura portuguesa – Séc. XVI	759.469
4. Artistas – Portugal	709.209469

Copyright © by Francisco de Holanda
Copyright © 2013 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 — Campus Unicamp
CEP 13083-892 — Campinas — SP — Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br — vendas@editora.unicamp.br

PALAVRA DA ARTE é uma coleção consagrada às fontes, às referências modernas e à reflexão contemporânea sobre a tradição clássica. Entende-se essa como o processo histórico de “longa duração” pelo qual a história das formas constitui sua própria memória, num triplo movimento de cristalização, transmissão e transformação dos modelos antigos. Centrada na história da arte, a coleção entende abrigar também estudos de história das retóricas e poéticas, antigas e modernas, de modo a divulgar de maneira crítica e metódica em língua portuguesa, eventualmente em textos bilíngues, as vias diversas através das quais a tradição clássica constituiu-se e foi apropriada por seus legatários.

Luiz Marques

AGRADECIMENTOS

Obrigado especial à minha mãe e ao meu pai, por tudo e sempre. Obrigado a meu irmão e família, madrinha e padrinho, pela essencial ajuda, das mais diversas formas, no período de escrita deste trabalho. Obrigado a todos os funcionários da Unicamp, especialmente aos das bibliotecas do Instituto de Artes (IA), do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) e do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), e aos da Secretaria de Pós-Graduação do IFCH, sempre atentos, ágeis e simpáticos no atendimento. Obrigado à equipe do Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro. O presente texto é uma adaptação de minha dissertação de mestrado intitulada “Do tirar pelo natural’: Francisco de Holanda e a retratística”, orientada por Luciano Migliaccio, financiada pelo CNPq e defendida em setembro de 2010, no Programa de Pós-Graduação em História, no IFCH da Uni-

camp. Na banca de defesa estavam presentes os professores Jens Baumgarten (Unifesp) e Cláudia Valladão de Mattos (IA–Unicamp), ao passo que na qualificação a análise foi realizada por Luiz Marques (IFCH–Unicamp) e Cristiane Nascimento (Unifesp). É essencial agradecer ao CNPq pelo apoio financeiro oferecido. Gostaria de agradecer também aos professores que, dos mais diversos modos e momentos, aconselharam, iluminaram e orientaram a pesquisa que originou esta publicação, em especial a Luciano Migliaccio, Maria Berbara, Cláudia Valladão, Jens Baumgarten, Luiz Marques, Roberto Conduro, Vera Beatriz Siqueira, Sheila Hue, Cristiane Nascimento. Um obrigado especial para Maria Luiza Zanatta, companheira de reflexões sobre Francisco de Holanda e uma das intelectuais mais generosas e humanistas que já conheci. Se não fosse por Malu, este trabalho não seria o mesmo. Obrigado a Mayana Redin pelo auxílio indispensável junto à Biblioteca Municipal do Porto. Por fim, um abraço aos amigos que seguiram comigo e de perto este processo complexo de leitura, reflexão e expressão escrita: Beatriz Moraes, Breno de Faria, Daniela Seixas, Evelyne Azevedo, Fanny Lopes, Fernanda Marinho, Giovani Barros, Isabela Lobo, Joana

Xênia, Larissa Carvalho, Letícia Santos, Luciana Sant'Anna, Lorena Serafim, Mariana Paulse, Mariana Thesi, Rodrigo Agrellos, Stela Politano e Vanessa Jansen. Obrigado pelo ombro amigo.

Ao exaltares com sabido engenho e eloquência as proporções, a beleza e a harmonia da arte de Apeles, tu, ó Francisco, admiravelmente vences o próprio Apeles e ofuscas a glória da Hélade. O tempo voraz consumiu, sem ninguém lhe valer, os quadros insignes e a Vênus marinha de Apeles. O teu nome, porém, ficará gravado em registros perenes, e obra de tanto valor não sofrerá desgaste. Assim a fama do artista sobrevive com esplendente glória; o gênio dá à matéria mais duradouro esplendor.

Jorge Coelho

SUMÁRIO

15 **Nota prévia**

17 **Apresentação:**
Sobre Francisco de Holanda

17 Nota biográfica

24 Breve revisão historiográfica

55 **Critérios desta edição**

DO TIRAR PELO NATURAL

Franciso de Holanda

69 **Do tirar pelo natural [fol. 184]**

72 Como poucos podem fazer perfeição

79 Como nenhuma obra perfeita deve ser
vista, antes de ser acabada

84 Do escolher o posto e a Vista no tirar
ao natural

93 DOS OLHOS

96 DAS SOBRANCELHAS

99 DO Perfil do NARIZ

102 DA BOCA

104	Do primor e lugar da ORELHA
107	DO CORPO
111	DO VESTIDO
113	FINAIS AVISOS NO TIRAR AO NATURAL [fol. 208v]
123	Comentário
123	1. “Figura cavata dal naturale”
127	2. Retratistas e retratados
142	3. O poder do rosto
146	4. Corpos vestidos
151	5. “FINAIS AVISOS NO TIRAR AO NATURAL”
155	Referências bibliográficas
155	Enciclopédia e dicionários
155	Fontes
156	Obras de consulta

NOTA PRÉVIA

Ao iniciar minhas leituras sobre o campo do retrato, suas bases teóricas e históricas, percebi que era constante a referência a um texto intitulado “Do tirar pelo natural”, de 1549, escrito por um português chamado Francisco de Holanda e considerado “a primeira teoria do retrato da história da arte”¹. Finalizado em 3 de janeiro de 1549, trata-se de um diálogo entre Brás Pereira e Fernando (pseudônimo para o próprio Ho-

1 “Somente o pintor da corte portuguesa Francisco de Holanda (1516/17-84) escreveu um tratado sobre retratística, o diálogo ‘Do tirar pelo natural’, composto em 1549 e traduzido para o espanhol em 1563 por outro pintor, Manuel Denis” (tradução livre), in Lorne Campbell, *Renaissance portraits — European portrait-painting in the 14th, 15th and 16th centuries*. Londres, Yale University Press, 1990, p. IX.

landa) acerca da história, do uso, da crítica e dos preceitos dos retratos, de sua realização e fruição. O interesse do texto é extenso e sua abordagem não deve se limitar a algum tipo de história da arte que valoriza apenas as obras inaugurais. Ele esclarece o estatuto do retrato como objeto artístico inserido no que se convencionou chamar Renascimento, analisa artistas ainda ativos na época e explicita algumas de suas próprias fontes.

A intenção desta publicação é disponibilizar ao público uma edição crítica do texto de Francisco de Holanda. Uma sumária biografia do autor, acompanhada por uma breve revisão historiográfica, precede a explicação dos critérios adotados no processo de editoração do texto holandiano e os comentários relativos aos tópicos centrais por ele desenvolvidos quanto a teoria do retrato e suas ressonâncias entre artistas e teóricos contemporâneos a ele.

(R.F.)

APRESENTAÇÃO: SOBRE FRANCISCO DE HOLANDA

Raphael Fonseca

Nota biográfica

A pintura não tem fim, senão começo¹.

Francisco de Holanda nasceu em 1517, em Lisboa, Portugal. Era filho de Antônio de Holanda, miniaturista e artista integrante das cortes de D. Manuel I e D. João III. A origem de seu pai é desconhecida, porém seu sobrenome aponta para uma possível ascendência “holandesa”, o que então significava a região de Flandres, profundamente ligada por laços dinásticos, linguísticos e culturais à Borgonha.

¹ Francisco de Holanda, *Da pintura antiga*. Lisboa, Livros Horizonte, 1984, p. 93.

Devido a essa integração à corte portuguesa, Francisco de Holanda rapidamente foi colocado a trabalhar como pajem do Infante D. Fernando, filho de D. Manuel I, e, na sequência, como moço de câmara (1533-1537) do outro irmão de D. João III, o Cardeal-Infante D. Afonso. Essa segunda estada se deu em Évora, então centro intelectual da corte portuguesa. Em virtude do convívio com a família real, e de sua criação entre seus membros, Francisco de Holanda foi educado por humanistas portugueses como André de Resende, D. Pedro de Mascarenhas e D. Miguel da Silva. Além disso, nesse ambiente circulavam já artistas estrangeiros como Nicolau de Chantèrene e Jean de Rouen, ambos da França.

Embaixador de Portugal em Roma e, posteriormente, Cardeal da Igreja Católica Romana, D. Miguel da Silva pode ter incentivado o jovem filho de Antônio de Holanda a realizar sua viagem à península itálica. Uma possível justificativa de sua viagem, iniciada ao que se sabe em janeiro de 1538, seria o registro de diferentes tipos de fortificações militares encontradas no seu caminho até Roma. Seu itinerário leva-o a Valladolid e a Barcelona, onde teria travado diálogo com Carlos V. Após passar por

França e Holanda, finalmente chega à Toscana. A cultura artística, atinente, sobretudo, à miniatura e impregnada de cultura flamenga, que Francisco de Holanda recebera de seu pai, transfigura-se, aos poucos, ao contato direto com a tradição clássica italiana.

Todo o seu trajeto foi pontuado por desenhos de edifícios, monumentos, paisagens e detalhes de arquitetura. O caderno em que estão consignados foi posteriormente intitulado “Álbum de desenhos das antigualhas” (antiguidades). Uma vez em Roma, por ser uma espécie de afilhado de D. Miguel da Silva, Francisco de Holanda foi apresentado a Lattanzio Tolomei, bem como ao círculo de Vittoria Colonna e a Michelangelo Buonarroti. Além do miniaturista croata Giulio Clovio, essas personagens ganharam voz nos “Diálogos em Roma”, a obra mais conhecida de Francisco de Holanda. Tendo percorrido a península italiana do Sul ao Norte e estabelecido contato com ampla gama de artistas e humanistas, era hora de retornar a Portugal. Sua chegada em Lisboa ocorre em abril de 1540.

Pondo-se novamente a serviço de D. João III e de sua esposa, Catarina de Áustria, Francisco de Holanda trabalha em uma variedade de

obras, dentre as quais miniaturas, traçados para projetos arquitetônicos, decorações efêmeras para festas e vestuários. O tempo não poupou muitas dessas imagens, em especial as pinturas a óleo e as miniaturas, embora algumas delas possam ainda subsistir no anonimato, em decorrência da escassa documentação disponível relativa à autoria de muitas obras desse período em Portugal.

Além de sua atividade no âmbito das artes visuais, Holanda retornou à composição de três obras literárias, consideradas atualmente os primeiros textos de teoria da arte em Portugal. As duas primeiras, na realidade duas partes de uma única obra, intitulam-se “Da pintura antiga” e “Diálogos em Roma”, esta última já mencionada. A primeira das duas obras, ambas datadas de 1548, possui um caráter mais doutrinário e versa sobre os preceitos da “pintura antiga” que deveriam ser observados pela pintura contemporânea ao autor, vale dizer, a do “Renascimento das artes”. O outro texto é composto por quatro diálogos travados em Roma entre célebres humanistas italianos. Francisco de Holanda aqui se autorrepresenta como um “forasteiro” português que em Roma estava a aprender com o grande mestre Michelangelo. Não há